



PSICOLOGIA:

Trabalho e sociedade,
cultura e saúde

EZEQUIEL MARTINS FERREIRA
(ORGANIZADOR)



PSICOLOGIA:

Trabalho e sociedade,
cultura e saúde

EZEQUIEL MARTINS FERREIRA
(ORGANIZADOR)

Editora Chefe	
Prof ^a Dr ^a Antonella Carvalho de Oliveira	
Assistentes Editoriais	
Natalia Oliveira	
Bruno Oliveira	
Flávia Roberta Barão	
Bibliotecária	
Janaina Ramos	
Projeto Gráfico e Diagramação	
Natália Sandrini de Azevedo	
Camila Alves de Cremo	
Luiza Alves Batista	
Maria Alice Pinheiro	
Imagens da Capa	
Shutterstock	
Edição de Arte	
Luiza Alves Batista	
Revisão	
Os Autores	
2021 by Atena Editora	
Copyright © Atena Editora	
Copyright do Texto © 2021 Os autores	
Copyright da Edição © 2021 Atena Editora	
Direitos para esta edição cedidos à Atena	
Editora pelos autores.	
Open access publication by Atena Editora.	



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof^a Dr^a Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant'Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^a Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Cândido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^a Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^a Dr^a Diocléia Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágnere Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^a Dr^a Gílrene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^a Dr^a Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Prof^a Dr^a Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Prof^a Dr^a Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof^a Dr^a Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Prof^a Dr^a Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Prof^a Dr^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof^a Dr^a Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^a Dr^a Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Prof^a Dr^a Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Prof^a Dr^a Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^a Dr^a Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Prof^a Dr^a Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^a Dr^a Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Prof^a Dr^a Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^a Dr^a Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Prof^a Dr^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof^a Dr^a Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Elio Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^a Dr^a Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico científico

Prof. Me. Abrão Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoletti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrião – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Heilton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Prof. Me. Marcos Roberto Gregolin – Agência de Desenvolvimento Regional do Extremo Oeste do Paraná
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Dr. Sulivan Pereira Dantas – Prefeitura Municipal de Fortaleza
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Universidade Estadual do Ceará
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Psicologia: trabalho e sociedade, cultura e saúde

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P974 Psicologia: trabalho e sociedade, cultura e saúde /
Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-268-2
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.682210707>

1. Psicologia. I. Ferreira, Ezequiel Martins
(Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeitora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declararam que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de e-commerce, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou permite a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

A coletânea *Psicologia: Trabalho e Sociedade, Cultura e Saúde*, reúne em seu primeiro volume, dezoito artigos que abordam diversas temáticas no que diz respeito às questões fundamentais da Psicologia na contemporaneidade.

A psicologia enquanto ciência retoma muitas iniciativas tanto da filosofia quanto da fisiologia, que desde a antiguidade tenta se ocupar, com reservas, das tramas, conflitos, funcionamento e atitudes internas e “mentais” do homem. Nessa veia, os laboratórios germânicos surgem para descrever e tabular esses comportamentos internos do homem e tornar explícitos os mecanismos que levam ao funcionamento mais íntimo da vida humana.

No entanto, a psicologia enquanto profissão gasta ainda um tempo para se lançar tímida ao mundo. Apesar dos laboratórios, dos testes franceses iniciados por Janet e outros, é possível marcar o início da profissão do psicólogo na virada do século XIX, nos Estados Unidos.

Mas vale lembrar que a profissão em torno da Psicologia, não se limitou apenas aos atos clínicos. Da criação de testes, ao estudo laboratorial do comportamento humano, uma infinidade de novas práticas se somaram para compor o cenário único do universo psicológico.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1.....	1
A ESCRITURA E A IMPLICAÇÃO NO TRABALHO DE PESQUISA	
Cinthia Lucia de Oliveira Siqueira	
Joao Batista Martins	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107071	
CAPÍTULO 2.....	14
“NINGUÉM NUNCA FICARÁ ENTRE”: A DINÂMICA E ESTRUTURA DA PSICOSE EM BATES MOTEL	
Débora Maria Biesek	
Samanta Antoniazzi	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107072	
CAPÍTULO 3.....	28
DEPRESSÃO NA CONTEMPORANEIDADE	
Mylena Menezes de França	
Ivana Suely Paiva Bezerra de Mello	
Silvana Barbosa Mendes Lacerda	
Elvira Daniel Rezende	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107073	
CAPÍTULO 4.....	40
CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE PARA A CIRCULAÇÃO DA PALAVRA NA EXPERIÊNCIA DO PROJETO DE LEITURA PALAVRAS LIVRES EM UM PRESÍDIO	
Luciane Maria Ribeiro da Cruz Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107074	
CAPÍTULO 5.....	48
O CONTO COMO RECURSO PSICOPEDAGÓGICO	
Maria Creusa Mota	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107075	
CAPÍTULO 6.....	58
SER (LOUCO) OU NÃO SER: EIS A QUESTÃO	
Ezequiel Martins Ferreira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107076	
CAPÍTULO 7.....	61
BARALHO DO SONO: UM RECURSO PSICOEDUCATIVO PARA PAIS E FILHOS	
Camila Espíndula da Silva	
Francielle Silva Ferreira Zago	
Suélen Rocha Centena Pizarro	
Anelise Abascal Pastorini Brião	
Giuliana Tort de Oliveira	

Lenise Alvares Collares	
Stefânia Martins Teixeira Torma	
Suzana Catanio dos Santos Nardi	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107077	
CAPÍTULO 8.....	74
A EDUCAÇÃO E A PROFISSIONALIZAÇÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA EM PERIFERIAS URBANAS	
Aida Guerreiro de Oliveira	
Edicleá Mascarenhas Fernandes	
Elizabeth Rodrigues de Oliveira Pereira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107078	
CAPÍTULO 9.....	86
DESEMPENHO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO EM TAREFAS DE FUNÇÃO MANUAL, LINGUAGEM ORAL E ESCRITA	
Larissa Soares Silva	
Stefanie Pischel	
Andressa Gouveia de Faria Saad	
Silvana Maria Blascovi-Assis	
Cibelle Albuquerque de La Higuera Amato	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107079	
CAPÍTULO 10.....	102
O TRANSTORNO DE DEFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE: CONCEITUAÇÃO E BREVE PERCURSO HISTÓRICO	
Danielly Berneck Côas Ribeiro	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.68221070710	
CAPÍTULO 11.....	115
OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO PARA A CONVIVÊNCIA DEMOCRÁTICA	
Amanda Luiza Weiler Pasini	
Marcele Pereira da Rosa Zucolotto	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.68221070711	
CAPÍTULO 12.....	123
O RELACIONAMENTO ENTRE FILHOS E PAIS/CUIDADORES É O INGREDIENTE ESSENCIAL E ATIVO	
Lucena Albino Muianga	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.68221070712	
CAPÍTULO 13.....	137
AS CONTRIBUIÇÕES DA INTERVENÇÃO DO PSICÓLOGO NO ÂMBITO DA ESCOLA PÚBLICA: UMA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	
Marileudi Moreira Garcia	
Yloma Fernanda de Oliveira Rocha	

Ruth Raquel Soares de Farias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.68221070713>

CAPÍTULO 14.....150

O QUE PODE O CORPO FEMININO EM SUAS MÚLTIPLAS POTENCIALIDADES?

Lígia Christine Pereira Martins

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.68221070714>

CAPÍTULO 15.....161

ECONOMIA SOLIDÁRIA, TRANSFORMAÇÕES NO TRABALHO e PROTAGONISMO FEMININO: (SOBRE)VIVENCIAS E DESIGUALDADES

Ana Beatriz Trindade de Melo

Carlúcia Maria Silva

Gilberto Braga Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.68221070715>

CAPÍTULO 16.....174

IMPASSES NA EFETIVAÇÃO DO MOVIMENTO FEMINISTA

Andressa de Lima Pinheiro

David Marconi Polônio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.68221070716>

CAPÍTULO 17.....185

PSICOLOGIA POSITIVA: POTENCIALIDADES HUMANAS EM SUJEITOS TRANSEXUAIS

Guilherme Faquim Simão

Maria Jaqueline Coelho Pinto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.68221070717>

SOBRE O ORGANIZADOR.....201

ÍNDICE REMISSIVO.....202

CAPÍTULO 5

O CONTO COMO RECURSO PSICOPEDAGÓGICO

Data de aceite: 01/07/2021

Data de submissão: 19/04/2021

Maria Creusa Mota

Secretaria de Estado de Educação do Distrito
Federal – SEEDF
Brasília, DF

<http://lattes.cnpq.br/3966569744520215>

RESUMO: Esse artigo trata de um relato de experiência sobre um trabalho realizado em uma escola pública da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEE/DF). Participaram deste trabalho quatro alunos com defasagem escolar em uma turma de Aceleração da Aprendizagem com idade entre 10 e 12 anos. Sabendo-se da resistência desses alunos em expressarem-se tanto verbalmente como por meio da leitura e da escrita foi utilizado o recurso da narrativa de histórias. O objetivo era de que, por meio das histórias, o grupo tivesse a liberdade de expressarem-se de maneira indireta, através da projeção dos personagens das histórias, deixando vir à tona conflitos, medos e inibições com danos potenciais muito reduzidos. Além disso, não era objetivo dessa proposta trabalhar as emoções e sim, fazer com que o grupo, ao falarem de si mesmos, pudessem dar vazão a sentimentos inconscientes, os quais estavam obstruindo o caminho para as aprendizagens e dificultando o desenvolvimento escolar. Ao abrir mão destes sentimentos a criança liberaria então, a energia necessária para restaurar o desejo de

aprender. Além disso, os conteúdos das histórias funcionariam também como motivação e estofo para as atividades de leitura e escrita. Como resultado concluiu-se que, o Conto, pode ser utilizado como uma ferramenta psicopedagógica na intervenção com alunos com dificuldades de aprendizagem e resistência à produção escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Psicanálise. Psicopedagogia. Narrativas de Histórias. Leitura e Escrita.

THE TALE AS PSYCHOEDAGOGICAL RESOURCE

ABSTRACT: This article deals with an experience report about a work carried out in a public school of the State Department of Education of the Federal District (SEE / DF). Four students with a school gap participated in this work in a class of Accelerated Learning with ages between 10 and 12 years old. Knowing the resistance of these students to express themselves both verbally and through reading and writing, the use of storytelling was used. The objective was that, through the stories, the group had the freedom to express themselves indirectly, through the projection of the characters of the stories, allowing conflicts, fears and inhibitions to come to light with very little potential damage. In addition, the purpose of this proposal was not to work on emotions, but to make the group, when talking about themselves, give vent to unconscious feelings, which were obstructing the path to learning and hindering school development. When giving up these feelings the child would then release the energy necessary to restore the desire to learn. In addition, the contents of the stories would also

function as motivation and upholstery for reading and writing activities. As a result, it was concluded that the Tale can be used as psycho-pedagogical tool in the intervention with students with learning difficulties and resistance to written production.

KEYWORDS: Education. Psychoanalysis. Psychopedagogy. Storytelling. Reading and writing.

1 | INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi apresentado no VII Simpósio Internacional sobre Infancia e Instituciones, V Congresso de La Red INFEIES, IX Congresso Derecho “*Sujeitos e Instituciones: territorio, fronteras y exilios*” na Argentina em 2020.

O artigo trata de um relato de experiência sobre um trabalho realizado em uma escola pública da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEE/DF) com um grupo de alunos com significativa defasagem escolar em uma turma de Aceleração de Aprendizagem. Turma de Aceleração de Aprendizagem é um projeto da Secretaria de Educação do DF com o objetivo de diminuir a defasagem educacional (idade/série) dos alunos com estratégias pedagógicas com vistas à promoção em tempo menor do que o tempo institucionalizado pelo currículo.

O objetivo inicial do trabalho era resgatar os conteúdos pedagógicos que não foram assimilados durante o período escolar e que estavam dificultando o acesso a novos conteúdos, pois aqueles não foram aprendidos na época adequada à idade cronológica da criança. No entanto, ao iniciar o trabalho notou-se uma grande dificuldade desse grupo para se tornarem sujeitos desejantes do conhecimento. Esses alunos, com idade entre dez e doze anos apresentavam, além de uma lacuna pedagógica significativa, conteúdos de ordem afetiva que estavam obstruindo seu desenvolvimento cognitivo, os quais eram representados por apatia e desinteresse frente às atividades de leitura e escrita.

Observou-se que o grupo apresentava baixa autoestima, dificuldade e falta de motivação para expressarem-se, sentimento de menos valia, dificuldade de autoaceitação, dependência para realização das atividades e falta de estímulos criativos e, com isso, muita resistência para escrever e ler. A resistência desses alunos à expressão oral e escrita tinham a função de protegê-los e se autopreservarem contra futuros fracassos, salvaguardando, dessa maneira, a dignidade que ainda possuíam.

Portanto, foi necessário, primeiramente, trabalhar com essas questões de ordem afetiva para que o grupo desenvolvesse a oralidade, pois a linguagem oral é uma maneira de reelaborar e organizar o pensamento. Além de ser importante para a interação entre os pares no compartilhamento de saberes, experiências e sentimentos que contribuem para o autoconceito favorecendo o protagonismo infantil, resultando em uma aprendizagem significativa e geradora de autonomia.

Para realizar esse trabalho foi proposto como recurso pedagógico a Contação de histórias. O objetivo era de que, por meio das histórias, o grupo tivesse a liberdade de

expressarem-se de maneira indireta, através da projeção dos personagens das histórias, deixando vir à tona conflitos, medos e inibições com danos potenciais muito reduzidos. Além disso, não era objetivo dessa proposta trabalhar as emoções e sim, fazer com que o grupo, ao falarem de si mesmos, pudessem dar vazão a sentimentos inconscientes, os quais estavam obstruindo o caminho para as aprendizagens e dificultando o desenvolvimento escolar. Ao abrir mão destes sentimentos a criança liberaria então, a energia necessária para restaurar o desejo de aprender. Além disso, os conteúdos das histórias funcionariam também como motivação e estofo para a leitura e escrita.

Bettelheim (1979) recomenda o conto como um recurso valioso para se atingir o emocional das crianças. Segundo este autor, para dominar os problemas psicológicos do crescimento, superar decepções narcísicas, ser capaz de abandonar dependências infantis e obter um sentimento de individualidade e de autovalorização, a criança necessita entender o que está se passando inconscientemente. A criança aprende a lidar com situações difíceis próprias do crescimento infantil por meio das histórias onde elas passam a compreender o que se passa dentro de sua psique, não de maneira racional, mas se dando conta desses conteúdos inconscientes por meio de devaneios prolongados, reorganizando e fantasiando sobre elementos adequados da história em resposta à suas pressões inconscientes. Com isto, a criança consegue adequar o conteúdo às fantasias conscientes, o que a capacita a externalizar e lidar com esse conteúdo. Segundo esse autor o conto tem a função de dar sentido à vida, o que vai de encontro à nossa proposta de intervenção psicopedagógica, qual seja, dar significação à escrita na vida da criança, por um processo de transformação do sem-sentido em simbolização.

Gilling (1999) diz que o conto libera a criança de sua angústia e de seu medo de não se sair bem. Muitos contos ensinam que o mais insignificante dos seres podem ter êxito. O Pequeno Polegar, abandonado por seus pais, deve sua salvação em parte à mulher do Ogro, mas sobretudo à sua própria esperteza e à sua malícia, que o fazem roubar as botas de sete léguas e a riqueza do Ogro. Deixar-se guiar pelo *ideal do eu* e renunciar ao *isso*, tal poderia ser a mensagem que o psicopedagogo tenta passar à criança quando usa o conto no seu atendimento. O *isso* é o lado pulsional do aparelho psíquico, o que nos faz preferir o *princípio do prazer* ao *princípio da realidade* ou, impedi-nos de achar um equilíbrio entre ambos. O *ideal do eu* é a instância da personalidade resultante da convergência do narcisismo (*idealização do eu*) e das identificações com seus pais ou substitutos. Segundo esse autor, o trabalho do psicopedagogo é acompanhar a criança na resolução dessa idealização. No trabalho com o conto, o *ideal do eu*, consiste em se identificar às personagens que querem crescer, atingir a maturidade e que podem assumir a contradição entre o *princípio do prazer* e o *princípio da realidade*, tornando-se igualmente capaz de assumir a frustração e a renúncia ao objeto imediato, adiando sua conquista para mais tarde. E é exatamente isso o que acontece na escola, na medida em que a criança precisa se adaptar à vida escolar para ter um ganho futuro. No entanto, as crianças não estão em

condições de trocar uma perda momentânea do prazer por esse ganho oferecido no futuro pela escola. Não é somente por estar enredada no conflito psíquico pela incapacidade de desejar, mas é igualmente e, com frequência, a ausência da possibilidade de se projetar para a frente, o que supõe a um só tempo o desejo, o projeto e a capacidade cognitiva de representação desse futuro.

Gutfreind (2003) diz que ler e ouvir contos pode nos levar a pensar sobre nós mesmos, no momento em que entramos em contato com sentimentos e conflitos difíceis de serem suportados e que, sem esse filtro da narrativa, poderiam paralisar nossa capacidade associativa ou ainda nos causar sintoma. Nesse sentido, o conto seria um mediador capaz de favorecer a oralidade e a interação entre o grupo e, por outro lado, este funcionaria como um dispositivo de circulação da palavra, gerando o desenvolvimento da oralidade e do pensamento, gerando conhecimento.

O mais importante é que, por meio da projeção dos personagens as crianças podem se identificar e externalizar sentimentos difíceis de serem nomeados e, através disso, ela consegue lidar com esse conteúdo reorganizando, elaborando e ressignificando os conflitos. Dessa forma, a energia que antes era usada para “sustentar” estes conflitos, é liberada para o objeto de conhecimento.

Segundo Abramovich (1995), ouvir histórias é estimular o imaginário, responder a curiosidade, suscitar tantas outras perguntas e porquês. É uma possibilidade de descobrir os conflitos, os impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos, através dos problemas que vão sendo defrontados (ou não), resolvidos (ou não) pelos personagens de cada história. A autora nos faz pensar na possibilidade de ouvir histórias como um meio de estimular o devaneio, aumentando a criatividade e a imaginação.

2 | PROCEDIMENTO

Partindo-se então da constatação de que seria impossível vencer a resistência desses alunos à escrita da maneira tradicional, foi pensado na estratégia de contar histórias infantis, pois o primeiro passo seria “fisgar” essas crianças trazendo-as de volta ao processo de aprendizagem. Primeiramente, resgatando sua confiança e o amor-próprio elevando sua autoestima e, posteriormente, desenvolvendo sua oralidade com o objetivo de dar vazão a sentimentos inconscientes, liberando, dessa maneira, energias para restaurar o desejo de aprender. Além disso, esse grupo de crianças apresentavam dificuldade para expressarem-se oralmente e a estratégia de trabalhar com o recurso de contar histórias visa proporcionar-lhes a possibilidade de desenvolver o pensamento, possibilitando a expressão oral e, no momento em que as mesmas recontavam a parte da história que mais gostaram ou dramatizavam a cena preferida, exerciam o papel do jogo simbólico. Nesse sentido nossa proposta cumpre uma função psicopedagógica, ou seja, contribuiu para a externalização dos sentimentos e, por outro lado, contribuiu para o desenvolvimento

da linguagem oral e escrita. Sendo assim, o trabalho em si, foi fazer com que as crianças falassem livremente e que após isso, transferissem essa fala para a escrita. Para que isso fosse possível era preciso permitir que as crianças tivessem a liberdade de escrever da forma como elas concebiam a escrita, ou seja, a criança escrevia do jeito que elas falavam sem preocupação com as normas ortográficas. Isso porque, caso fosse feito uma correção ortográfica nessa fase, a criança poderia retrair-se novamente. Porém, depois que a criança venceu essa barreira inicial de resistência e, após a consolidação do vínculo afetivo e familiarização com as atividades de escrita passou-se para o aspecto ortográfico e sistematização da escrita.

O grupo era formado por quatro alunos com defasagem pedagógica de três anos, composto por três meninos de doze anos e uma menina de dez anos. Foram realizados oito encontros de uma hora e meia cada. Inicialmente foi feito uma entrevista com os responsáveis das crianças a fim de os mesmos autorizassem a intervenção e saber sobre a história da vida pessoal e trajetória escolar da criança e suas queixas. Também foi feito contato com as professoras das crianças e um levantamento documental sobre a vida escolar das crianças junto às suas escolas, analisando seus documentos escolares. E, por fim, foi feito uma avaliação psicopedagógica para identificar as dificuldades e potencialidades de cada criança. Foram utilizados para esse fim os seguintes instrumentos: um teste de leitura e escrita baseado na Psicogênese da Língua Escrita de Emília Ferreiro, desenho livre, o desenho da família e o teste do Par Educativo.

Na primeira sessão foi realizada a apresentação do grupo e avaliação psicodiagnóstica. Todos as crianças estavam no nível alfabético da língua escrita, ou seja, a escrita como reprodução literal da fala e eles eram muito econômicos nas palavras, quase não se expressavam verbalmente. Foi difícil fazer com que as crianças falassem e mais difícil ainda, escrevessem como sabiam e acreditarem que eu não iria corrigir seus erros de português. Nesse primeiro contato o grupo demonstra o que já fora abordado antes, ou seja, é um grupo especial quanto às suas especificidades e o psicopedagogo deve estar atento às manifestações de qualquer ordem para ajustar e direcionar suas intervenções, lembrando que estas devem ser flexíveis e sensíveis às reações de cada criança.

Na segunda sessão, as crianças são estimuladas a falarem como foi seu final de semana, para isso falo do meu para incentivar o grupo e apenas um aluno manifesta-se de forma sucinta: “*meu fim de semana foi bom*”. No entanto, digo que, a qualquer momento, eles podem se manifestar para que todos socializem essas respostas. Isso dá tempo para que os mais tímidos e desconfiados possam ter o tempo necessário para “ruminar” sobre a proposta e decidir o que fazer. Esse tempo leva em conta o tempo de cada um para a abertura ao processo, eles precisam confiar no profissional para poderem comparecer ao processo de aprendizagem. A proposta para esta sessão era criar uma história coletiva com o grupo. Para isso dei um pedaço de barbante e uma folha branca e eles foram convidados a jogarem o barbante sobre a folha aleatoriamente e, em seguida, colar o barbante e criar

uma figura a partir do que surgiu na folha, podia ser completado e pintado com lápis de cor. Vale ressaltar que esta atividade foi realizada pela psicopedagoga, incentivando e, ao mesmo tempo, direcionando o trabalho. Em seguida, os desenhos são socializados. Oralmente, as crianças dizem às outras o que significa seu desenho e o que sentiu em fazê-lo. A verbalização faz com que a criança tome consciência do que se passou, pela internalização das ações e, ao mesmo tempo, traz o sujeito de volta à atividade. Como proposta segunda as crianças são convidadas a criarem uma história coletiva juntando todos os desenhos e houve muita resistência, pois, essa atividade mostrou-se muito complicada e difícil para o grupo. Finalmente, com grande investimento de minha parte as crianças construíram uma história coletiva muito tímida, mas a mesma abordava todas os desenhos, inclusive o meu. Isso me sinalizou que o vínculo afetivo foi criado, trazendo mais espontaneidade e confiança ao ambiente de aprendizagem.

Na terceira sessão o grupo apresenta-se menos arredio em relação à aceitação da proposta. Para esta, foi proposto ao grupo criarmos uma outra história coletiva, mas dessa vez a verbalização seria necessária, visto que não usariam folhas para registro. Ao contrário, as falas seriam registradas por um gravador a medida que a história fosse sendo criada verbalmente. Para isso ficamos em roda sentados no tapete e usei o recurso de um novelo de lã, marcado com um nó a cada um metro sinalizando a hora em que a criança passaria o novelo para a próxima dar prosseguimento à história. Foi informado que eles poderiam dizer o que viesse à cabeça e que eles não seriam censurados. Essa sessão foi um rebuliço, uma vez que os meninos aproveitaram para externalizar uma série de sentimentos reprimidos. A história criada reflete muitas agressões, palavrões, gírias, violência, polícia que espanca, ou seja, o retrato de seu contexto de vida. Eles ficam maravilhados pela possibilidade de falarem o que quiserem sem serem censurados e que sua voz estava sendo acolhida e gravada. A única menina se sente angustiada pelos palavrões deixando claro que aquela linguagem não fazia parte do seu contexto. No entanto, com os meninos consegui tocar-lhes e pela primeira vez senti que eles compareciam ao processo de aprendizagem. Um dos meninos ficou admirado ao ouvir sua voz no gravador: “nossa eu consegui falar esse palavrão na escola?” A mesmo tempo dava risadas e olhava para mim como que pedindo permissão para continuar a falar o que vinha à sua cabeça. Fica claro no desenrolar da sessão que essas crianças estavam abarrotadas de sentimentos e questões para serem externalizadas e que seria muito difícil elas darem conta da escrita sem antes darem vazão para esses sentimentos. O desafio era ao mesmo tempo dar vazão a essa descarga pulsional dos meninos, articulando-a com a escrita e acolher a menina quanto ao tempo do seu processo.

Na quarta sessão retomamos a gravação da história como ponto de partida e, a medida que eles iam ouvindo demonstravam agitação e euforia, era seus corpos respondendo à intervenção. Um deles ficou admirado de quanto palavrão falou, o outro não reconhecia sua voz no gravador, como era diferente, nunca havia ouvido sua voz gravada.

Eles demonstravam entusiasmo e, depois de ouvirmos a gravação três vezes, propus que eles registrassem a história, primeiro por meio de desenho e, em seguida, escrevendo. Pela primeira vez os meninos sentiram-se motivados para escrever, apressadamente pediram folhas e material para o registro. A menina do grupo se ressentiu porque não ouviu sua voz no gravador e escreveu uma história diferente. No fim fizemos uma dobradura na forma de livrinho onde eles registraram sua história nele. No entanto, eles não me deixaram ver a história deles enquanto escreviam, talvez pelo medo do meu julgamento. No entanto, os tranquilizou, dizendo que as histórias são para eles e não para mim. No fim eles entregam os livrinhos para eu guardar. Dois reescrevem a história gravada e um deles escreveu a história de um aluno que levou uma advertência escolar por mau comportamento e resolve mudar seu comportamento. Esta história reflete a vida escolar dessa criança. Percebo nessa atividade a projeção que as crianças fazem através das histórias e passo a conhecê-las melhor.

Comecei a quinta sessão contando a história que relata as características de alguns animais. O objetivo era que as crianças percebessem as diferenças e semelhanças entre os animais da história e transferisse para nosso espaço de grupo, relacionando com nossas diferenças enquanto sujeitos inseridos no grupo, mas sem perdermos de vista nossas semelhanças. Depois da exploração oral da história pedi às crianças que se identificassem com algum animal da história e escreverem sobre as diferenças entre elas e sua escolha. Um deles se identificou com uma galinha e disse que ambos gostam de comer, mas ele não era uma galinha. Outro se identificou com o leão por ele ser forte e corajoso. O mais importante dessa intervenção era que as crianças escrevessem livremente e desejosos afugentando a resistência da escrita e o medo de errar. Elas perceberam que podiam escrever o que quisessem e que sua escrita era uma forma de comunicação importante.

Na sexta sessão contei a história da bruxa e os três carneirinhos com o auxílio de fantoches. Essa história como como três carneirinhos indefesos conseguiram livrar-se de serem comidos pela bruxa. Após a exploração oral, onde cada um deu sua opinião sobre a conduta dos carneirinhos para se livrarem da bruxa (eles a haviam enganado e fugido), pedi às crianças para escreverem a história com o máximo de detalhes e ilustrassem. Percebi que os alunos se encontram mais engajados nas atividades, mostrando-se menos resistentes, participando mais prontamente às atividades e tam bem demonstravam mais intimidade comigo e com o grupo. A única menina do grupo de demonstrou mais autonomia na realização das tarefas e menos dependência afetiva para realizá-las. No entanto, ainda se sente tímida diante do grupo, isso é compreensível dada a diferença de gênero e realidade socioeconômica e também a falta de outra menina com quem se identificar. É importante nesses casos acolher essa demanda para fazê-la se perceber parte do grupo, embora seja diferente.

Na sétima sessão li a história de João e Maria. Após abri a discussão para as crianças falarem sobre a atitude do pai, o qual abandona seus filhos sozinhos na floresta a pedido da

madrasta devido a falta de comida para todos. As crianças no final da história sentiram-se aliviados pois João e Maria, após derrotar a bruxa, jogando-a no caldeirão de água quente em que seriam cozidos, roubam o tesouro dela e retornam para casa ricos. Na discussão houve divergências de opinião entre as crianças sobre o final da história e isso foi ótimo porque elas estavam se posicionando enquanto sujeitos. Propus às crianças reescreverem o final da história de acordo com o desejo de cada uma. Só um deles escreve um final em que os personagens ficam ricos, mas não voltam para casa. O resto do grupo absolvem o pai dizendo que este não teve culpa pois fora induzido pela madrasta, mas no fundo não queira abandonar os filhos, pois ele os amava. O final para estes foi que, João e Maria ao voltarem para casa e pedem ao pai para expulsar a madrasta e eles ficam ricos e felizes para sempre. A única menina do grupo acrescentou ainda uma cena que não existia na história onde o pai chorava quando voltava para casa ao abandonar os filhos. Observo o quanto uma atividade assim é reveladora e motivadora para a escrita. Elas demonstram urgência em escrever pois sua opinião precisa ser registrada. Estavam escrevendo sobre algo contextualizado, discutido entre eles e a opinião de cada um era respeitada, pois eram sujeitos diferentes com suas próprias histórias de vida. É visível a independência do grupo em escrever, não perguntam mais o que devem escrever, simplesmente começam a fazê-lo naturalmente e com entusiasmo. Nessa fase começam a se preocupar em serem entendidos na escrita. Alguns perguntam como se escreve uma palavra que desconhece, se casa se escreve com S ou com Z, ou seja, já começam a se abrir para as questões ortográficas da escrita de maneira espontânea e partindo do seu interesse.

Na última sessão conto a história de Chapeuzinho Vermelho e as crianças ouvem atentamente e abro no fim para discussão. Nesse momento as crianças já demonstram pressa em falar, dar sua opinião e lembro que devemos ouvir atentamente todas as opiniões pois todas são igualmente válidas e que muitas vezes a fala do outro muitas vezes pode revelar nossa própria fala quando comungamos das mesmas ideias. Agora temos que decidir quem começa a falar para que não haja tumulto, quem diria, sorrio internamente. Alguns começam a falar da história comparando com outras versões que conheciam, o que resulta em combustível para a discussão e proponho às crianças escreverem o final da história que conhecem e se identificam e elas aceitam de imediato. Os meninos trazem emoção ao final da história trazendo à cena o caçador que ouve os gritos da Chapeuzinho e arromba a porta, mata o Lobo Mau e salva Chapeuzinho e sua vovó. A menina escreve o final em que na hora do Lobo Mau comer a Chapeuzinho seu pai aparece de repente e a salva. Compreendo isso como uma projeção dela, pois o pai dela abandonou a família e ela sente muita falta dele, entendo que ele seria alguém com quem ela se sentiria protegida e com quem dividiria suas angústias e medo e eu elogio seu final e ela me abraça forte. O mais interessante dessa intervenção é que as crianças tomaram gosto pela leitura e quanto mais se lê, mas se aumenta o vocabulário e estas passaram a pegar livros emprestado na biblioteca da escola e alguns passaram a pedir aos pais para comprar.

3 I CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência mostrou-se exitosa, uma vez que o grupo, inicialmente com certa timidez falava do seu personagem favorito: o porquê se identificou com ele, que outro final poderia ter dado para a história, o que eles gostariam de mudar. Sendo assim, esse grupo mostrava seu próprio avesso e, com isso liberava-se de emoções que nem mesmo se dava conta de que habitavam seu inconsciente. Tornava-se visível o alívio do grupo, e as atividades propostas depois desse momento de oralidade grupal, eram recebidas com entusiasmo: desenhar a parte da história ou o personagem que mais gostaram, escrever um final diferente, acrescentar personagens ou inserir-se na história, etc. Essas atividades ampliavam o contato com a escrita, que foi aprimorando-se cada vez mais, ao ponto de escreverem textos criativos onde a ortografia era trabalhada de maneira lúdica e significativa. Dessa forma, aos poucos e pacientemente, o grupo foi recuperando o desejo de aprender. Sendo assim, poder projetar a raiva, o medo e a angústia nos personagens das histórias como bruxas, fadas e heróis, era poder falar de si mesmos sem riscos e julgamentos. Era poder ser livre e poder contar uma nova história sobre si mesmo com final feliz, diferentemente de suas realidades, era ter um momento de alívio, um hiato entre a dura realidade e o mundo da imaginação onde eles podiam ser e agir como quisessem, podiam voar, se tornar super-heróis, transformar os corações e destinos das pessoas. Afinal de contas elas ainda eram crianças.

Vimos nesse relato o quanto é importante conhecer seu aluno, sua experiência de vida e que isso pode ser descoberto de maneira natural ao longo do processo de aprendizagem, pois a criança vai se abrindo a medida que o vínculo afetivo é criado e a confiança é estabelecida. E também o quanto é importante usar uma estratégia que faça sentido para a criança levando em conta seu contexto socioeconômico e cultural e o que a sua fala revela sobre si mesma que nem ela mesmo sabe.

Bettelheim (1984), nos alerta sobre a importância de trabalhar com textos significativos e contextualizados, antes mesmo de a criança compreender o sistema da escrita e, o quanto isso é importante para que elas se tornem futuros leitores e não meros codificadores da língua escrita. Ele diz que antes de se trabalhar as habilidades de leitura os professores deveriam se concentrar no desenvolvimento do desejo de se tornar um leitor. Na minha prática constato isso quando observo crianças, na mais tenra idade, folheiam livros e apontam as frases e começam a “ler” espontaneamente, antes mesmo de estarem alfabetizadas demonstrando, nesse momento, um real interesse para a leitura. No entanto, ter que aprender a ler agora para, só mais tarde desfrutar do prazer da leitura não é atraente para as crianças pois isso implica um compromisso com o princípio da realidade em detrimento com o princípio do prazer Gilling (1999).

Sendo assim, não houve dúvida quanto à escolha da intervenção adotada para esse grupo, o do Conto como recurso Psicopedagógico. No entanto, se faz necessário ressaltar

que o tempo utilizado para a intervenção foi pouco, embora a resistência a escrever fora vencida e, também vale deixar claro, que cada sujeito é único e que intervenções não são como receitas de bolo, estas precisam ser adaptadas a cada sujeito e a cada contexto. Dessa forma, encerro o conto de minha experiência e quem quiser que conte outra...

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices.** 5^a Ed. São Paulo: Scipione, 1995.
- BETTELHEIM, Bruno; ZELAN, Karen. **A Psicanálise dos Contos de Fada.** 3^a Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
-
- Psicanálise da Alfabetização.** Trad. de José Luiz Caon. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
- GILLING, Jean- Marie. **O Conto na Psicopedagogia.** Trad. Vanise Dresch. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- Gutfriend, Celso. **O Terapeuta e o Lobo: a utilização do conto na psicoterapia da criança.** 1^a Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

ÍNDICE REMISSIVO

A

- Adolescência 66, 72, 102, 104
Antifeminismo 174, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184
Aprendizagem 41, 44, 45, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 56, 63, 64, 65, 67, 71, 73, 79, 80, 81, 83, 85, 90, 113, 119, 122, 125, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 147, 149
Autoestima 49, 51, 64, 80, 169, 185, 187, 190, 192, 194, 195, 197, 199

B

- Baralho do sono 61, 62, 68, 69, 70, 71

C

- Captura 33, 150, 157, 158
Cidadania 74, 82, 84, 116, 139, 140, 145, 148, 161, 162, 171, 173
Conceituação 102, 103, 107, 112
Conflito 36, 43, 51, 112, 115, 135
Convívio 29, 75, 83, 115, 116, 141
Crianças 33, 44, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 59, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 80, 86, 87, 88, 89, 90, 93, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 104, 106, 107, 108, 111, 112, 113, 116, 120, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 139, 140
Críticas ao feminismo 174, 177

D

- Democracia 115, 118, 161, 167, 171
Depressão 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 64, 190, 194, 195, 196
Desafios do movimento feminista 174, 177
Desenvolvimento infantil 61, 64, 70, 71, 127, 128
Destreza motora 86, 87, 98, 101

E

- Economía solidária 161
Édipo 14, 18
Educação 12, 13, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 67, 68, 70, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 101, 102, 113, 115, 116, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 172, 176, 184, 185, 201
Educação nos presídios 40

Educação parental 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135
Ensino 27, 41, 45, 46, 47, 61, 69, 70, 71, 76, 81, 83, 85, 115, 117, 120, 121, 122, 130, 133, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 148, 149, 193, 201

Escola 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 53, 55, 61, 69, 70, 72, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 90, 113, 115, 116, 117, 118, 121, 122, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 156

Escrita acadêmica 1, 11, 12

Escuta clínica 40, 45, 47

Estimulação 45, 123, 131, 132, 133, 134

Estranho 8, 14, 20, 25, 26

H

Histórico 7, 38, 85, 102, 112, 140, 153, 158, 162, 176, 180, 184

I

Implicação 1, 3, 5, 6, 7, 11, 13, 142

Infância 64, 65, 70, 72, 87, 113, 125, 126, 134

L

Leitura e escrita 48, 49, 50, 52

Linguagem infantil 86, 125, 134

Loucura 18, 58, 59, 60

M

Maternidade 150, 151, 152, 153, 156, 157, 158, 177

Modelo integrado 123, 126, 134, 135

Mulher 23, 27, 50, 124, 130, 132, 135, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 175, 176, 177, 178, 179, 181, 183, 187, 197

N

Narrativas de histórias 48

O

Otimismo 185, 187, 189, 190, 191, 192, 195, 197, 198

P

Pelbart 58, 59, 60

Periferias 74, 75, 76, 77

Pesquisa participante 1

Pessoas com deficiência 74, 75, 78, 79, 82, 83, 84, 85

Práticas educativas 123, 126, 132, 138, 142, 147

Profissionalização 74, 75, 78, 81, 82, 83
Protagonismo feminino 161, 162, 171, 172
Psicanálise 16, 27, 28, 35, 38, 39, 40, 44, 47, 48, 57, 200, 201
Psicologia educacional 137
Psicologia positiva 185, 187, 189, 190, 198, 199, 200
Psicopedagogia 48, 57, 201
Psicose 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 25, 26, 27, 35

R

Recurso psicoeducativo 61, 62, 68, 71
Relacionamento 45, 88, 119, 123, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 139

S

Sociedade 16, 19, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 39, 40, 42, 45, 47, 58, 59, 60, 62, 64, 72, 73, 77, 82, 83, 84, 85, 115, 116, 118, 121, 122, 137, 138, 147, 149, 150, 152, 153, 154, 156, 157, 158, 165, 167, 168, 169, 171, 175, 179, 180, 182, 183, 187

T

TD AH 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113
Trabalho 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 14, 15, 16, 23, 24, 26, 36, 37, 38, 42, 44, 45, 48, 49, 50, 52, 53, 61, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 81, 83, 84, 85, 96, 102, 104, 110, 111, 115, 116, 117, 118, 121, 124, 126, 133, 139, 140, 144, 146, 147, 148, 149, 151, 155, 156, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 190
Transexualidade 185, 186, 187, 188, 197, 198
Transtorno do espectro do autismo 86, 87, 90



Ano 2021

PSICOLOGIA:

Trabalho e sociedade,
cultura e saúde

🌐 www.atenaeditora.com.br

✉️ contato@atenaeditora.com.br

-instagram icon@atenaeditora

-facebook iconfacebook.com/atenaeditora.com.br



PSICOLOGIA:

Trabalho e sociedade,
cultura e saúde

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 facebook.com/atenaeditora.com.br